

PERFIL DE UM INDIANISTA E GLOTÓLOGO E SUA INESTIMÁVEL CONTRIBUIÇÃO À U.S.P.: A “BIBLIOTECA REV JORGE BERTOLASO STELLA”

Maria Luíza F Miazzi

“Os fracos nada principiam por medo das dificuldades; os medíocres, vencidos por elas, deixam de prosseguir, depois de terem começado; mas os que são dotados de ótimas qualidades, não renunciam à obra empreendida, embora milhares de dificuldades os contrariem.”

(Provérbio sânscrito, transcrito no prefácio de “A Língua e a Literatura Sânscrita” do Rev. Bertolaso Stella).

Beirando os 90 anos (como diz), de uma tocante modéstia, dotado de profunda compreensão e espírito de solidariedade humana, o Reverendo Jorge Bertolaso Stella dá-nos uma lição de autenticidade na sua vida pastoral e no devotamento aos estudos (1) Embora sem almejar glórias, produziu uma obra pioneira no campo do indianismo no Brasil, abordando assuntos lingüísticos diversos, bem como religiosos, e não cessa de enriquecê-la.

Com grande clareza escreveu opúsculos e artigos do maior interesse no âmbito da língua e literatura sânscrita, oferecendo aos estudiosos brasileiros, pela primeira vez, uma súpula dos temas de maior relevância da sanscritologia. Isso fez durante muitos anos — apaixonado que sempre foi do indianismo — e bem antes da instalação do nosso curso, que hoje se beneficia de tal produção, aumentada constantemente.

Na área da história das religiões também é importante sua contribuição, embora seja óbvio aqui darmos ênfase apenas ao trabalho que tem realizado especificamente em nosso campo.

(1) — Desde as quatro horas da manhã, está diariamente em sua mesa de trabalho, para derramar ainda mais ensinamentos e palavras de fé, através de novas publicações.

Além da admiração que despertam sua enorme cultura (de autodidata) e nobreza de alma (sempre aberto ao próximo), é especialmente credor do reconhecimento profundo da Universidade de São Paulo pela doação que lhe fez de sua vastíssima e preciosa biblioteca, organizada através de longos anos, com sacrifício, mediante os recursos que lhe advinham do magistério (seu e da esposa) e da função de pastor evangélico. É incrível conceber-se que obras raríssimas, de valor incalculável, hajam sido reunidas desse modo; hoje só poderíamos imaginá-las em termos de elevadas dotações. E esse tesouro, que encerra livros não existentes em consagradas bibliotecas de países mais adiantados, as quais o teriam adquirido a muito bom preço, foi-nos espontaneamente legado. Deu-no-lo o Reverendo Bertolaso por completo, tanto as obras de que já não usava como as que permaneciam e permanecem em seu poder, como instrumento do serviço contínuo, e gradativamente passam às nossas mãos. Esse patrimônio, que leva o seu nome, como homenagem da Diretoria da Faculdade e do Curso de Sânscrito, encontra-se alojado em nossa Biblioteca Central e ocupará um dia uma sala própria, no futuro prédio de Letras, para que dele se beneficiem gerações e gerações de lingüistas, estudiosos das religiões, mas, em particular, dos da cultura indiana.

De modo sucinto, vejamos algo sobre o Rev. Jorge Bertolaso Stella, sua obra e a biblioteca cedida por ele à Universidade de S. Paulo.

1 — BIOGRAFIA

Nascido a 1.º de agosto de 1888 na cidade italiana de Pádua, criou-se no Brasil, pois contava apenas 3 anos quando seus pais, Sr. Fortunato Bertolazzo e D. Domenica Stella, para cá emigraram, fixando-se nos arredores de Moji-Mirim e depois na própria cidade.

Assim transcorreram sua infância e juventude no ambiente rural e foi apenas um afã de instrução que lhe permitiu trocar a enxada pelos livros. Só aprendeu a ler por volta dos 12 anos com um tio (numa cartilha italiana), o qual também o guiou no campo religioso, levando-o à igreja evangélica, onde a pregação atraiu o rapaz.

Professou a fé aos 15 anos, perante o pastor da Igreja de Moji-Mirim, que lhe deu como presente um livro de álgebra para incentivá-lo a avançar nos estudos — ainda na fase primária — e recomendando que sozinho vencesse as dificuldades que iria ali encontrar. Verdadeiro desafio, é verdade, mas o jovem o levou a sério, dominando não só a álgebra, como depois outras matérias. Seu in-

tuito, porém, era ser ministro e a essa atividade consagrou sua vida, dedicando aos estudos religiosos e lingüísticos todos os momentos livres. Para esse encaminhamento colaboraram vários pastores; pôde assim aprender inglês, francês, latim e grego, etc. no Colégio Evangélico, donde passou para o Seminário Presbiteriano Independente e, mais tarde, estudou na Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (2)

Casou-se em 1918 com D. Iracema de Barros, de tradicional família paulista, que lhe foi a companheira ideal; sem o seu esteio moral e espírito abnegado, nunca haveria ele desenvolvido tanta atividade e adquirido os livros, altamente dispendiosos, que hoje constituem a “Biblioteca Rev. Jorge Bertolaso Stella” Professora primária, D. Iracema consagrou-se com toda a alma à sua vocação durante 32 anos; seu desvelo e mérito foram reconhecidos pelo governo estadual, que deu seu nome a um grupo escolar de Mauá. Além disso, esteve sempre presente nas tarefas da Igreja de que seu esposo era o responsável. Simples, dedicada, jamais gastava com o supérfluo: o que ambos reputavam importante eram os estudos do pastor, não só pertinentes ao seu ministério, como os de sua ânsia por conhecimento de vária ordem (teológicos, lingüísticos, históricos, filosóficos, paleontológicos, arqueológicos etnográficos, etc.) que o aproximassem da grande Verdade. Por esse motivo, D. Iracema destinava à biblioteca dele parte de seu salário (3) A doação da mesma à Universidade partiu de ambos, fruto que foi do trabalho diuturno do casal. Meio século viveram unidos; em 1968, após longa enfermidade, faleceu D. Iracema aos 77 anos. Desde então, vive o Reverendo Bertolaso só, mas cercado do carinho da grande família de sua Igreja e alentado pelo exemplo de fortaleza que lhe imprimiu a companheira.

No mesmo ano de seu casamento, 1918, naturalizou-se Bertolaso Stella brasileiro e, em 1919, foi ordenado ministro em Sorocaba, tendo pastoreado várias igrejas no interior de São Paulo e Paraná (dezesseis delas) até vir para São Paulo; aqui assumiu o cargo de pastor efetivo da 1.ª Igreja Presbiteriana Independente em 1933, onde ainda, vez por outra, exerce alguma função, como membro emérito (a essa igreja dedicou 25 anos dos 52 de seu pastorado)

(2) — No discurso de posse na Academia Evangélica de Letras, afirmou ter aprendido com um tio as primeiras letras, ter lutado muito, mas não possuir diploma de grupo, colégio ou seminário.

(3). — “Formei uma biblioteca especializada com a dádiva de livros que ela me oferecia” declarou o Reverendo (“Uma vida eficiente — Iracema de Barros Bertolaso”, 1969).

Senhor de uma linguagem culta e atraente, conseguiu sempre transmitir a mensagem evangélica com eficiência, obtendo ampla penetração os seus sermões.

Lecionou em ginásios e seminários, principalmente no Ginásio Municipal de Sorocaba, onde ensinou latim. Ao jubilar-se, veio a reger a cadeira da História das Religiões na Faculdade de Teologia da Igreja Presbiteriana Independente. Também fez parte de diversas bancas examinadoras na Universidade de São Paulo. O emérito professor desta, Dr. Plínio Ayrosa, já em 1938 dizia num artigo a respeito de glotólogos (4): “ no Brasil, talvez, um único cultor honesto e erudito se encontre na pessoa modesta de Bertolaso Stella”

Alguns jornais e revistas referiram-se a ele como “doutor”, no Brasil como fora dele (5); porém acertou mais um crítico ao declarar ser ele “ um erudito glotólogo que passa sua vida pesquisando os mistérios dos idiomas” (6)

Para manter-se continuamente a par dos estudos do seu interesse, trocava correspondência com mestres famosos e assinava inúmeras revistas. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e correspondente dos de Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Espírito Santo, Santa Catarina. Membro correspondente da Academia Amazonense de Letras, foi eleito ainda para a Academia Evangélica de Letras do Rio de Janeiro. Foi um dos fundadores da Sociedade de Estudos Filológicos de São Paulo e participou da comissão encarregada da Revisão de Almeida do Novo Testamento, sendo membro honorário da Sociedade Bíblica do Brasil. Também faz parte da Societé des Américanistes de Paris e da Societé de Linguistique de Paris, assim como do Instituto Americano de Estudios Vascos de Buenos Aires e outros.

Mas esses títulos não conquistou o Rev Bertolaso para fazer carreira. O que impressiona é a força de vontade de seu autodidatismo: conseguiu sozinho vencer línguas extremamente difíceis, como o sânscrito, do qual até deu aulas particulares a um aficionado. Quanto ao basco, etrusco, etc., seus estudos revelam igualmente um esforço incomum.

Atualmente, o Rev. Bertolaso Stella possuiu um exemplo dignificante: o mestre itaiano Alfredo Trombetti, também autodidata, que foi um portentoso cultor de línguas, vivas e mortas, e dono de uma

(4). — “Glottologia e Glotólogos”, em “O Estado de S. Paulo” de 25-5-1938.

(5). — Veja-se, por exemplo, o artigo “Un vascófilo ilustre” no jornal Euzko Deya de 10-3-1948.

(6). — Consulte-se “O Estado” de Florianópolis, de 20-9-1933.

erudição notável em inúmeros campos afins. Extremamente pobre, desde menino sentiu paixão por quaisquer tipos de línguas, que aprendia sozinho ou aproveitando a disposição de alguém para ensinar-lhe ou, ainda, em troca de serviços. Assim Trombetti, que venceu as maiores dificuldades dentro de sua penúria, serviu de incentivo ao moço ítalo-brasileiro, que lhe seguiu os passos e defendeu as teorias, como a do monogenismo lingüístico.

Para nós, do Curso de Sânscrito, o amor que devotou, sem qualquer mestre para iniciá-lo, à antiga língua da Índia, como à sua literatura, filosofia e cultura em geral, comove e edifica: devido a ele passou o ilustre pesquisador anos a fio comprando, na Europa e Índia, notabilíssimas obras, muitas esgotadas (obtinha cópias fotografadas), que inexistem em universidades do exterior. Nesta área escreveu muito, abrindo-nos caminho. E de tal modo se apercebia da importância do conhecimento do sânscrito (7) que, já em 1938, expressou o desejo de ser ele aqui estudado (8) e, em 1953, conclamou as autoridades num artigo publicado no *Diário Popular* (6 de fevereiro) a efetivar o projeto que se debatia na Assembléia, para criar os cursos de línguas orientais na U.S.P., e entre elas o sânscrito, como fundamento aos estudos lingüísticos. Seu esforço logrou êxito: hoje o curso está solidificado, começam a brotar as primeiras teses de mestrado nessa língua, graças à prodigiosa, invejável biblioteca de que dispomos. O trabalho do Rev. Jorge Bertolaso Stella e de D. Iracema de Barros Bertolaso será perenemente continuado, pelas mãos e mente das gerações que vão compulsar o tesouro que nos legaram.

2 — SUA OBRA

Extremamente produtivo tem sido o labor do Rev. Bertolaso nas várias áreas a que se dedicou. Examinamos detidamente seus escritos e nos surpreendemos com a quantidade dos que publicou desde a mocidade (9), perseguindo sempre o ideal de transmitir aos outros o conhecimento que abeberava no manancial riquíssimo dos livros que paulatina e sacrificadamente conseguia. Com perseverança e ho-

(7). — “... porque é base de uma tríplice ordem de estudos: de gramática comparada das línguas indo-européias, da filologia indiana e da ciência das religiões.” (“As línguas orientais e o sânscrito na Universidade de São Paulo”, *Diário Popular*, 6-2-1953).

(8). — Nosso desejo é que, neste grande País, fique lançada a semente do estudo da língua sânscrita e venha produzir os resultados almejados no campo da filologia e da glotologia” (“A língua e Lit. Sânscrita”, prefácio).

(9). — Um levantamento não muito recente reunia quase 150 publicações, entre artigos de jornais e revistas, opúsculos e obras de maior vulto.

nestidade, trabalhou para dar aos outros a cultura que se autoministrava.

Realmente assombra a erudição que adquiriu por seu esforço próprio, mormente em casos de línguas como o sânscrito, o etrusco e o basco. Ao indianismo, que nos é caro, dedicou — em especial na última fase — a maior parte de sua atenção (e continua entregando novos estudos) São de excelentes e claros ensinamentos as obras e separatas sobre assuntos os mais diversos nesse campo, tanto do ponto de vista literário, lingüístico ou histórico: História do Indianismo, O Rig-Veda, Introdução às Upanichades, O hino cosmogônico do Rig-Veda, A Bhagavad-Gita, O Atharva-Veda, Os Purana, Mahabharata, O Ramayana, A Bhagavad-Gita e o Novo Testamento, As leis de Manu, A Gramática de Pânini, A religião de Jina, etc.

Além do conteúdo erudito, apresentam uma forma didática notável. Abaixo faremos uma sùmula de alguns trabalhos que mais de perto nos chamaram a atenção; vários obtivemos por empréstimos, pois já são esgotados ou de difícil localização.

Para dar uma visão do intenso labor do Rev Bertolaso, relacionamos os títulos de suas publicações, divididos em cinco grupos:

- 1) artigos de caráter lingüístico em jornais, que evidentemente acompanham a evolução de sua produtividade de maior envergadura, com o fito de divulgá-la;
- 2) obras religiosas;
- 3) obras lingüísticas em geral;
- 4) obras relativas ao indianismo;
- 5) miscelâneos.

1 — *Artigos em jornais* — Localizamos os seguintes, publicados entre 1926 e 1953, em jornais diversos:

- “As origens dos indígenas da América”, n’ O Estado de São Paulo, de 19-12-26;
- “A língua etrusca”, n’ O Estado de São Paulo, de 16-9-1928;
- “Os indígenas na América”, no Correio de Sorocaba, de 25-1-1930;
- “Glotologia”, n’ O Estado de São Paulo, de 25-2-1931;
- “A língua sânscrita” n’ O Estado de São Paulo, de 5-4-1931;
- “A língua dos iberos”, no Diário Nacional, de 15-12-1931;
- “O Rig-Veda”, no Diário Nacional (S.P.), de 21-5-1932;
- “Glotologia e onomatologia”, no Diário Nacional, de 8-7-1932;
- “Gloto’ogia e filologia”, no Diário de São Paulo, de 13-11-1932;

- “Problemas de Glotologia”, n’ O Estado de São Paulo, de 9-6-1933;
“Etimologia e Filologia”, no Diário da Noite, de 30-8-1933;
“A língua e o estilo dos glotólogos”, no Diário da Noite, de 31-5-1934;
“O gramático Pânini”, no Correio Paulistano, de 28-4-1935;
“O glotólogo abade Lorenzo Hervás”, n’ O Estado de S. Paulo, de 10-5-1935;
“Instituto de Filologia”, n’ O Estado de S. Paulo, de 24-8-1935 (10);
“A Filologia e a Bíblia”, no Correio Paulistano, de 7-11-1935;
“A língua basca”, n’ O Estado de São Paulo, de 1-3-1936;
“Catálogo das Línguas”, n’ O Estado de São Paulo, de 27-9-1936;
“A linguagem do gesto”, n’ O Estado de São Paulo, de 28-10-1936;
“O glotólogo Frederico Pott”, n’ O Estado de São Paulo, de 30-6-1937;
“G. De Gregorio”, n’ O Estado de São Paulo, de 25-8-1937;
“Atlas Lingüísticos”, n’ O Estado de São Paulo, de 20-10-1937;
“Homenagem a Trombetti”, n’ O Estado de São Paulo, de 5-7-1938;
“Linguagem e Tabu”, n’ O Estado de São Paulo, de 24-11-1938;
“As línguas georgianas”, n’ O Estado de Paulo, de 27-11-1939;
“A linguagem da mulher”, n’ O Estado de São Paulo, de 14-4-1940;
“As tábuas igubinas”, n’ O Estado de São Paulo, de 28-8-1940;
“Gramáticos gregos”, n’ O Estado de São Paulo, de 5-2-1941;
“A língua do Novo Testamento”, n’ O Estado de São Paulo, de 2-3-1941;
“O Glotólogo Roberto Caldwell”, n’ O Estado de S. Paulo, de 24-9-1941;
“Glotologia e História das Religiões”, n’ O Estado de S. Paulo, de 5-11-1941;
“Paleontologia| Basca”, n’ O Estado de São Paulo, de 30-12-1942;
“Paleontologia Lingüística”, n’ O Estado de S. Paulo de 28-8-1943;
“O Zend-Avesta”, n’ O Estado de São Paulo, de 19-4-1944;
“O Pe. Coeurdoux e a Língua Sânskrita”, n’ O Estado de S. Paulo, de 19-4-1945
“Um novo testamento basco”, em “Cristianismo”, I, de 6-7-1945;
“A importância do Sânskrita”, n’ O Estado de São Paulo, de 27-11-1945;
“A língua brasileira é uma realidade insofismável”, no Jornal da Manhã, de 15--3-1947;
“A interpretação dos textos minoicos”, em A Gazeta, de 31-5-1949;
“Centenário de Burnouf”, em A Gazeta, de 16-5-1952;
“As línguas orientais e o Sânskrita na Universidade de São Paulo”

(10). — Nesse artigo, o Autor cumprimenta o Prof. Rebelo Gonçalves pela feliz idéia de fundar um Instituto de Filologia na U.S.P

no Diário Popular, de 6-2-1953.

“O centenário de Alfredo Trombetti”, Folha de S. Paulo, 6-1-1956;

2 — *Obras religiosas* — Além de artigos esparsos em revistas protestantes, como “O Estandarte” (11) etc., temos os seguintes trabalhos, de maior ou menor vulto:

“As sete Cartas do Apocalipse”, Indústria Gráfica Cruzeiro do Sul Ltda, S. P., 1944.

“História das Religiões”, Sep. Rev História, nº 64, S.P 1965

“Orações da Alma”, Imprensa Metodista, S. P., 1966.

“A oração na história das religiões”, Impr Met., S. P., 1968

“O Pai Nosso”, Imprensa Metodista, S.P., 1968

“Religião e História” — Separata da Revista de História, nº 78, USP, 1969

“Introdução à história das Religiões”, Impr. Metodista, S. P., 1970.

“Zoroastro, Buda e Cristo”, Imprensa Metodista, S. P., 1971

“Um só mundo” — Imprensa Metodista, S.P., 1972

“A vida de Jesus Cristo” — Impr. Metodista, S. P., (1972)

“Os manuscritos do Mar Morto”, Imprensa Metodista, S. P., 1972

“A história da Reencarnação”, Imprensa Metodista, S. P., 1973

“O homem”, Imprensa Metodista, S. P., 1973

“A Primeira Igreja Presbiteriana Independente de S. Paulo e a Renovação”, Imprensa Metodista, S. P., 1974

“Reforma do Cristianismo”, Imprensa Metodista, S. P., 1976

“História da Igreja Primitiva”, Imprensa Metodista, S.P., 1976

“Mensagens Evangélicas”, Imprensa Metodista, S. P., s/d.

3 — *Obras lingüísticas* — Localizamos as seguintes, por consulta direta ou informação:

“A Glotologia e o Prof. Trombetti”, na Revista de Cultura Religiosa, vol. III, São Paulo, 1925.

“Um livro de Alfredo Trombetti”, na Revista da Língua Portuguesa, ano VIII, nº 43, Rio de Janeiro, 1926.

“Monogenismo lingüístico”, Irmãos Ferraz, São Paulo, 1927.

“As origens do homem americano” na Revista da Língua Portuguesa, ano VIII, nº 46, Rio de Janeiro, 1927

“A língua sumérica” na Revista da Língua Portuguesa, ano X, nº 56, Rio de Janeiro, 1927.

“Os problemas da língua etrusca”, na Revista da Língua Portuguesa, ano IX, nº 52, Rio de Janeiro, 1928.

(11). — Leia-se, por exemplo, no número de dezembro de 1954, nessa revista, o artigo “O Apóstolo São Paulo”

- “As línguas indígenas da América”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, vol. XXVI, 1928.
- “A língua dos heteus”, na Revista da Língua Portuguesa, ano X, nº 58, Rio de Janeiro, 1929.
- “A língua dos elamitas”, na Revista da Língua Portuguesa, ano X, nº 60, Rio de Janeiro, 1929.
- “A conexão lingüística basco-americana”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XXVII, 1929.
- “Trombetti e a glotologia”, na Revista da Língua Portuguesa, ano XI, nº 61, Rio de Janeiro, 1929.
- “A língua etrusca”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XXVIII, 1930.
- “Origem e importância da glotologia”, na Revista de Filologia Portuguesa, nº 1, Porto Alegre, 1930.
- “A língua primitiva”, na Revista da Língua Portuguesa, ano XII, nº 2, Rio de Janeiro, 1932.
- “O existianismo e a glotologia”, na Revista da Língua Portuguesa, ano XII, nº 4, Rio de Janeiro, 1932.
- “Vestígios da língua primitiva”, Estab. Gráfico Cruzeiro do Sul, S.P., 1933.
- “A vida científica de Trombetti”, Irmãos Ferraz, S. Paulo, 1933.
- “A classificação das línguas”, na Revista de Educação, vol. 5, S. Paulo, 1934.
- “O poliglota Cardeal Mezzofanti”, na Revista de Cultura, ano VIII, nº 94, Rio de Janeiro, 1934.
- “A Glotologia e a Pre-História”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, vol. 31, 1936.
- “Carta glotológica (em defesa do monogenismo lingüístico)”, S.P. 1937.
- “História da Glotologia”, no Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos, ano II, nº 2, tomo I, S. P., 1945.
- “Centenário da morte de Eugene Burnouf”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XLVIII, 1952.
- “A língua basca”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, 1954.
- “O 4º Centenário de Filippo Sasseti e o Sânscrito”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. LVII, 1959.
- “Os estudos Francesco Ribezzo”, no Jornal de Filologia, ano XXX, vol. II, fasc. 3, S. Paulo, 1954.
- “As inscrições do rei Açoka”, caderno de “O Estandarte” ano 64, S. Paulo, 1956.
- “A arqueologia e a cultura”, caderno de “O Estandarte”, S. Paulo, 1956.

- “A gramática de Pânini”, “Letras” da Universidade do Paraná, nº II, Curitiba, 1961.
- “A morte de Pericle Ducati”, na Revista Historica, nº 3, S. Paulo, 1950.
- “Um novo testamento basco”, Revista Alfa, nº 3, Marília, 1963.
- “O cristianismo e a glotologia”, Revista de História, USP, nº 63, S. Paulo, 1965.
- “Afinidade entre o basco e o caucásico”, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de S. Paulo, vol. LXV, 1968.
- “A língua basca e as línguas do mundo”, S. Paulo, 1972.
- “O basco e a lingüística”, S. Paulo, 1975.

4 — *Obras sobre o indianismo* — Em nosso campo, citamos:

- “O Rig-Veda” — O Brasil que Estuda, ano I, nº 1, S. Paulo, 1933.
- “Sentenças e Provérbios da Índia antiga” — O Brasil que Estuda, ano I, nº 2, S. Paulo, 1934.
- “A língua e a literatura sânscrita” — S. Paulo, 1938.
- “A língua sânscrita e a cultura” — “Letras”, Univ. do Paraná, VIII, Curitiba, 1955.
- “Provérbios da Índia” — São Paulo, 1956.
- “A gramática de Pânini” — “Letras” da Univ. do Paraná, nº II, 1961.
- “O indianista Prof. Luigi Suali”, Revista Historica, nº 3, S. P., 1959.
- “O indianista Ambrogio Ballini”, Jornal de Filologia, ano IV, fasc. 3 e 4, São Paulo, 1958.
- “Religião de Jina” — Sep. da Revista de História, USP, nº 58, S.P. 1964.
- “O Mahâbhârata” — Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. LXII, 1966.
- “Introdução às Upanichades”, Imprensa Metodista, S. Paulo, 1969.
- “O hino cosmogônico do Rig Veda” — Revista “Letras”, nº 17, Curitiba, 1969.
- “O Râmâyana” Separat. da revista ALFA, nº 10, Fac. Fil., Ciências e Letras de Marília, 1966.
- “A Bhagavad-Gîtâ”, Coleção da Revista de História, USP, XXXII, S. P., 1970.
- “Os Purâna” — Sep. da Revista “Letras da Univ. do Paraná, nº 18, Curitiba, 1970.
- “As religiões da Índia”, Imprensa Metodista, S. P., 1971.
- “A Bhagavad-Gîtâ e o Novo Testamento”, Imprensa Metodista, S. P., 1972.
- “História do Indianismo”, Impr. Metodista, S. P., 1972.

“O Atharvaveda”, Sep. da Revista de História, USP, nº 96, S. P., 1973.

“As leis de Manu”, Sep. da Revista de História, nº 103, S. P., 1975.

5 — *Miscelâneos* — Ainda alguns escritos de vária ordem podemos apontar:

“Uma vida eficiente — Iracema de Barros Bertolaso” — Impr. Metodista, S. P., 1969.

“Uma longa jornada”, Impr. Metodista, S. P., 1971.

“A origem da fábula”, Sep. da Revista de História, nº 85, S.P. 1971.

“Antônio Conselheiro, o Místico de “Os Sertões”, S. P., 1971.

“Provérbios da Família”, Imprensa Metodista, S.P., 1973.

“Estudos Vários” Imprensa Metodista, S.P., 1973.

“Dretrizes da família humana”, Impr. Metodista, S. P., 1974.

“Os Miseráveis em “Os Sertões” de Euclides da Cunha” — S.P., 1976.

Nota:

Alguns opúsculos não levam nome de editora ou lhes falta a data, razão por que assim os indicamos.

Vários outros trabalhos estão concluídos, prontos para o prelo: Gramática Sânscrita; Hitopadecha; Brahman e Deus; A Filosofia da Bhagavad-Gîtâ; O Bem e o Problema do Mal; Euclides da Cunha; Conceitos religiosos; Nirvana; Oração das religiões da Índia; Ário, Bruno e outros heréticos; Santos Padres heréticos.

Essa enumeração de trabalhos fala por si da abundância de produtividade do Rev. Bertolaso. Como seu intuito máximo foi sempre o de divulgar os conhecimentos adquiridos, queremos igualmente transmitir alguns de seus trabalhos, resumindo-os. Escolhemos poucos na área de lingüística e nos demoramos algo mais na do sânscrito. Poderá o leitor, assim, ter uma breve idéia dos temas abordados. Entre os do primeiro grupo consideramos mais representativos os seguintes:

a) *Monogenismo lingüístico*, Irmãos Ferraz, S.P., 1927

Livro que mereceu encômios de conhecidos mestres, como Ottoniel Mota, Rosário Farani Mansur Guérios, etc., é o resultado de oito anos de estudos da doutrina de Trombetti (aqui difundida pelo Autor), qual seja a da origem comum das línguas do mundo, conduzindo a uma só gênese todos os povos, conforme a Bíblia, e em oposição ao poligenismo então em voga na Alemanha.

Na Introdução, refere-se à ciência da linguagem, sua origem, aspectos da evolução das línguas, etc. A seguir, traça a biografia de Alfredo Trombetti e lhe relaciona as obras.

O livro compõe-se de três partes:

- 1) As classificações lingüísticas — Revê as divisões de caráter psicológico (esboçada por Humboldt e elaborada por Steintal, morfológico (a tripartida de Schleicher) e genealógico (esta é adotada por Trombetti, embora enquadrada geograficamente).
- 2) Estudos dos grupos lingüísticos — Enumera, com suas características e extensão, os grupos do mundo, conforme a ordenação trombettiana.
- 3) O monogenismo lingüístico — Quanto à unidade ou pluralidade da origem da linguagem, refere-se à existência de um só casal, conforme a tradição religiosa, e ao poligenismo, defendido no século passado, contra o qual Trombetti aduziu provas científicas, como a afinidade dos pronomes pessoais nos vários grupos (10.000 formas deles foram usadas!), dos numerais e raízes. Quanto às emigrações dos povos, teriam explicação similar à da teoria das ondas.

Conclui afirmando que os elementos da antropologia, tradições populares, argumento bíblico e universalidade do sentimento religioso confirmam a teoria trombettiana de que “todos os homens pertencem a uma só espécie e são realmente irmãos”

Mais tarde, em 1937, o Autor dirigiu ao Prof. Benigno Ferrario, catedrático de glotologia da Universidade de Montevidéu, um opúsculo intitulado “Carta glotológica em defesa do monogenismo lingüístico”, por haver aquele atacado a obra de Trombetti.

b) “A língua dos elamitas”, artigo na *Revista da Língua Portuguesa*, ano X, n.º 60, Rio de Janeiro, 1929.

São apenas três páginas que tratam da antiqüíssima língua do Elam, conhecida por nomes diversos como cítico, medo-cítico, medo, proto-médico, elamítico, susiano, etc. Ela sobreviveu bastante, remontando os textos mais antigos a 1.200-1.100 AC e os mais recentes a 900-700 AC, porém à época dos aquemênidas ainda pertencem algumas escrituras. Em proto-elamita admitem-se textos talvez de 2.700 AC. É possível, conforme Trombetti, que o elamita durasse ainda pelo ano 1.000 da era cristã sob o nome de Chozi (cf. Chuziskan)

Os conhecimentos que dele temos baseiam-se nas inscrições cuneiformes trilíngües dos aquemênidas, como a grande inscrição de Dario, que está redigida no antigo irânico, neo-elamítico e neo-babilônio.

As relações do elamítico e outras línguas provocaram muita dúvida, tendo-se encontrado afinidades ora com o georgiano, o turânico, o dravídico, etc. Ao que parece, originou-se do caucásico e dele emanaram o nilótico e o dravídico.

c) “A língua dos heteus”, artigo na *Revista da Língua Portuguesa*, n.º 57, Rio de Janeiro, 1929.

Heteu é o nome preferido pelo Autor ao que designamos por hitita ou canesiano, língua descoberta no século passado, no ocidente da Ásia Menor, por viajantes e missionários, e estudada mais tarde por mestres como Perrot, Hrozny e Sayce.

Os elementos para o seu estudo consistem de inscrições em ruínas achadas especialmente em Boghaz-koï e Eyuk; são escritos hieroglíficos originados de pinturas rudes. Possivelmente o nosso alfabeto, atribuído aos fenícios, proceda remotamente deles (12). O material não é farto, mas temos vocábulos, fragmentos litúrgicos, um código, um poema teológico, etc. Embora alguns tenham visto nele elementos semíticos, foi reconhecido por Hrozny como idioma indo-europeu, que teve boa disseminação na Ásia Menor, devido às conquistas de seus falantes.

Para Trombetti, há relação entre o hitita, as línguas nativas da Ásia Menor, o etrusco e as línguas pre-helênicas, que viriam de um pre-indo-europeu, devido ao seu léxico; apesar disso, foi bem ressaltado e aceito que se trata de língua indo-européia e do grupo ocidental, ou seja, de *centum* (para Hrozny, é especialmente similar ao latim e tocário)

A fim de mostrar afinidades com o latim, grego e sânscrito, dá o Autor exemplos expostos por Trombetti (pronomes e verbos), que mostram de modo claro as correspondências com o sistema indo-europeu.

d) *A língua etrusca*, Irmãos Ferraz, S. Paulo 1930. Livro de 84 páginas (13), dedicado à memória de Trombetti, cuja biografia é descrita

(12). — Outros preferem extraí-lo da escrita egípcia.

(13). — Mereceu encômios de Menotti del Picchia, sob o pseudônimo “Helios” e do erudito Oscar Stevenson (Diário de S. Paulo, 21-6-1930), assim como de Rosário F. Mansur Guérios (Diário da Tarde, Curitiba, 1930).

com emoção; o livro desse mestre *La lingua etrusca* (1928) é que dá origem a este.

Na primeira parte, enumera o Autor étimos possíveis para o termo *etrusco* (de uma raiz mediterrânea TR- e TUR-?) e faz referência ao sinônimo *tusci*, denominação que teriam os umbros dado aos etruscos, assim como de *tyrrhenoi* ou *tyrsenoi*, que lhes foi atribuído pelos gregos. Ainda menciona a denominação *rasena* que os próprios etruscos se davam e que deveria significar apenas “homens”, “povo”. Também cita o nome *Tarquínio*, cujo estudo foi feito por Trombetti, e qual julgou básica a forma *TarX-i*, correspondente à do lício *trqq-i-z* e pre-armênio *tarX-i* (tanto no etrusco nas línguas asiáticas existem formas com -n- também) Possivelmente o significado de Tarquínio fosse “rei, príncipe”

O magno problema relativo aos etruscos é o de sua origem; a ele dedica o Autor dois capítulos, um sobre as fontes antigas e um sobre as modernas teorias. Quanto aos antigos, dominavam as idéias de Heródoto e Dionísio de Halicarnasso. Segundo o primeiro, seria a região da Ásia Menor o seu berço (possivelmente a Lídia), mas alguns defendem que seriam pelargos expulsos da Tessália pelos gregos que rumaram e se fixaram na Itália. Em geral, é pacífica a origem asiática dos etruscos entre os autores latinos (Cícero, Vergílio, Lívio, etc.) Já Dionísio de Halicarnasso contesta a relação com os pelargos ou lídios, devido à enorme diferença de cultura e língua, se comparados com os etruscos; adota ele a teoria de que os Rasenas fossem um povo indígena.

Modernamente, há quatro teorias: os etruscos resultariam da fusão de povos itálicos (umbros com tirrenos, vindos do oriente), ou pertenceriam ao grupo indo-europeu (sendo iguais às outras estirpes itálicas), ou descenderiam dos “terramarícolas” da planície padana, oriundos dos vales alpinos, ou, enfim, constituiriam um extrato étnico anterior ao das populações itálicas, procedente da Ásia Menor. Ainda há uma tentativa de filiá-los aos iberos, sem muito eco.

De um modo geral, pois, aceita-se a origem asiática, embora alguns julguem ter sido o Adriático e não, o Tirreno a via de entrada na Itália. A maioria dos etruscólogos prefere a teoria de Heródoto, embora a de Dionísio esteja ganhando terreno, graças aos estudos de Trombetti.

Segue-se interessante capítulo sobre as afinidades lingüísticas dos etruscos: procuraram os autores encontrar relações entre as mais diversas (indígenas da América, hebraico, armênio, grego, ugro-fínico,

traco-frígio, ilírio, etc.), além das itálicas e orientais já mencionadas (lício, cário, lídio, etc) e ainda outras, como o georgiano, lígure, etc. como também egípcio, dravídico e outras.

Sayce e Bréal afirmam apenas que não é indo-europeu. Trombetti, que examinou as características comuns do etrusco tanto com o dravídico assim como com outras línguas, julgando-as do mesmo nível, concluiu poder o etrusco ser confrontado tanto com as línguas câmito-semíticas, caucásicas, indo-européias e uralo-altaicas, por razões extrínsecas (geográficas, históricas, etc); porém diz que um exame intrínseco elimina o primeiro e último grupos, ficando apenas as línguas indo-européias e caucásicas. Ora, como ele admite certa coligação entre ambos os grupos, o parentesco do etrusco com eles não tenderia a eliminar um. As concordâncias que apresenta com o indo-europeu e o caucásico são muitas (genitivo em *s*, locativo em *th* e em *ni*, elemento *-n-* e *-s-* no verbo, pretéritos em *-ce-*, etc. Entretanto, o etrusco não entra num grupo nem no outro, mas fica numa posição intermediária entre o indo-europeu e o caucásico, aproximando-se mais do primeiro que do último: também teria relações com as línguas helênicas da Grécia e do Egeu e alguns idiomas da Ásia Menor, inclusive o hitita (ou heteu) Com essas línguas, teria o etrusco relação de 1.º grau, com o indo-europeu de 2.º, e com as línguas caucásicas (georgiano, por ex.), de 3.º Quanto ao aspecto histórico e geográfico, há três grandes estratificações lingüísticas na zona do Cáucaso aos Pirineus: basco (ou ibero) — caucásico, etrusco-asiânico e pre-indo-europeu e, finalmente, o indo-europeu.

No tocante às inscrições etruscas, revelam um povo culto, que deixou 9.000 inscrições (14) em utensílios vários, como estátuas, vasos, fivelas espelhos, etc, sendo do 8.º século AC as mais antigas (80% são de sepulcros) Sua decifração (15), contudo, é difícil; Trombetti conseguiu decifrar 72 palavras e chegar ao étimo de 60. A dificuldade não está no alfabeto, pois é semelhante ao latino e grego (de tipo ocidental), mas no significado.

Ainda o Autor se reporta à grande importância da epigrafia para o conhecimento do etrusco, pois a primeira providência para a decifração é determinar a idade da epígrafe. Cita, depois, três grupos de dialetos etruscos: aqueles nos quais domina o elemento mediterrâneo, aqueles em que este elemento é inferior ao itálico e aquele em que

(14) — Estão reunidas no *Corpus Inscriptionum Etruscarum*.

(15). — Dois são os métodos usados: o etimológico, pelo qual se confronta a língua com outras muito afins, e o combinatório, que procura interpretar o etrusco por si mesmo. O último tem surtido mais efeito, porém Trombetti usou ambos.

domina o itálico. Termina dando um quadro da língua etrusca, seu alfabeto, noções básicas de gênero, número e caso, assim como dos pronomes, numerais, verbos e indeclináveis.

e) “História da Glotologia”, no *Boletim da Sociedade de Estudos Filológicos*, tomo I, n.º 2, 1945.

Artigo extenso (39 páginas), faz um histórico propriamente da lingüística, segundo o título, partindo dos eruditos gregos antigos, suas preocupações de ordem filosófica dentro da linguagem, étimos, conexões de línguas, contribuição gramatical, e chegando até os da época romana, assim como aos da bizantina, examinando ainda os estudos gregos do séc. 16 até o 19.

Outro capítulo é dedicado aos gramáticos latinos, discípulos dos helenos; a seguir, apresenta a lingüística na patrística e escolástica, os gramáticos árabes e hebraicos, gramáticos sânscritos antigos, os precursores da filologia sânscrita, o cristianismo e a filologia, os precursores da glotologia e a origem da lingüística moderna.

Passa ao problema da classificação das línguas, seus critérios, etc. e chega à divisão de Trombetti, que se resolve em nove grupos lingüísticos entrelaçados entre si, de modo a provar-se a teoria do monogenismo, tão cara àquele mestre e ao Autor; e termina com a de Schmidt, que adota um critério geográfico e genealógico.

f) “O Cristianismo e a Glotologia”, Separata da *Revista de História*, n.º 63, S.P., 1965.

Trata-se de uma coletânea de trabalhos dos missionários que, desde o séc. 16, para difundir o cristianismo, estudaram as mais diversas línguas, entrando em contacto com povos de todo o globo.

Inicia lembrando que os antigos só se interessavam pelas próprias línguas (16), apesar de terem contactos com outros povos, mormente gregos e romanos, devido ao seu alto sentido de nacionalidade — ou, diga-se também, de *humanidade*, na acepção de que só eles eram “homens” e os demais eram “estrangeiros”, “inferiores”, “bárbaros” (17) Esse conceito, graças à Boa Nova (Evangelho), foi

(16). — Com exceção dos assírios, mas estes mesmos procuravam aprender idiomas alheios por razões de ordem prática.

(17). — O termo “bárbaro” entre os mais diversos grupos sociais foi usado desde antiquíssima data: os árias aplicavam aos demais o nome de *vararah*; os hindus chamavam de *mleccha* os que não fossem de casta superior, isto é, nascido duas vezes; os gregos, de *barbaroi*; os judeus, de *gentios*, os que não fossem circuncisos; os muçulmanos, de *kiáfirs* “incrédulos” os que não cressem em Maomé. Aliás, quando os japoneses do continente emigraram para um grupo de ilhas do Oriente, encontraram um povo que se dizia *ainu*, lit. “homem, homens”, enquanto os nipônicos os designavam com vocábulos correspondentes a “bárbaro”, isto é, *ebeisu*, *emisu*, *emishi*.

substituído pelo de “fraternidade” Para divulgá-lo, foi preciso aprender outras línguas e verter para elas a Bíblia, que sempre constituiu rico manancial para estudos filológicos e lingüísticos. Aí se revela a obra dos missionários em todo o globo, vencendo e fazendo descrições das línguas dos nativos da América, Ásia, África e Oceania.

Refere-se o Autor ao trabalho de um grupo de sacerdotes e ministros que, desde o séc. 16, se disseminaram pelo mundo com o intuito de evangelizar e deram sua contribuição lingüística. Na maior parte se detém nos que estiveram na Índia e aprenderam notavelmente o sânscrito e as línguas vivas, escrevendo gramáticas delas, tanto das indo-européias (marati, concâni, guzerate), como dravídicas (tamil, télugo, malayalam, mandarê) Sente-se o tato do indianista perlustrando o campo de sua preferência, mas também o do glotólogo geral. Assim, poderíamos dividir o trabalho entre a obra dos missionários que estudaram línguas da Índia e os de outras regiões. Entre os primeiros, notabilizaram-se:

1 — o Pe. Roberto de Nobile (início do séc. 17) que estudou a fundo o tâmil e o télugo, assim como o sânscrito, havendo entrado para uma ordem de brâmanes (com permissão episcopal), a fim de adquirir conhecimentos de sua religião e filosofia. Autor de uma Apologia, com excertos de vária literatura desde a védica, de uma Vida de Maria em sânscrito, etc.

2 — o Pe. Tomás Stephens (séc. 16-17), excecute conhecedor do concâni, variedade do maretê, escrevendo até uma história poética do Antigo e Novo Testamento em 11.018 estrofes;

3 — o Pe. Constantino Beschi (séc. 17-18), dedicado ao tâmil, usou-o em prosa e poesia, descrevendo-o numa gramática.

4 — o Pe. Giuseppe Tieffentaller (séc. 18), geógrafo e astrônomo tirolês, estudioso das línguas orientais, não só as indianas, mas também do indostão, árabe, persa, etc. Referiu-se à fauna, flora, religião, geografia e história da Índia. Autor de vocabulário sânscrito da língua dos parsis.

5 — o Pe. Pons (séc. 18), interessado pelo sânscrito e literatura indiana;

6 — o Pe. Gastão Coeurdoux (séc. 17-18), jesuíta que viveu 35 anos na Índia, cultíssimo, foi o primeiro a revelar a afinidade entre o sânscrito, latim e grego. É célebre a Memória que enviou ao helecionista Abade Barthélemy sobre as línguas e literaturas da Índia, pro-

pondo à Académie des Inscriptions et Belles Lettres o parentesco citado. Apresentou uma lista de vocábulos gregos e latinos em correlação com o sânscrito, procurando as possíveis explicações, não só de semelhança vocabular mas estrutural das línguas, e demonstrou que elas não teriam possibilidade de originar-se por relações comerciais, catequéticas, literárias, etc. Depois também estabeleceu correspondências entre sânscrito, alemão e eslavo.

7 — o Pe. Polino de Barthélemy (séc. 18), carmelita austríaco e missionário em Malabar, publicou a primeira gramática sânscrita a aparecer na Europa, baseada em textos, dividida em fonética, morfologia e sintaxe.

8 — o Pe. Hanxleden (séc. 18), jesuíta holandês, autor de um dicionário malabar-sânscrito-português e Vocabulário e Gramática do malayalam.

9 — o Pe. G. Carey (séc. 18) traduziu a Bíblia (que já na Inglaterra lera em sete línguas), para vários idiomas e dialetos orientais. Viveu 40 anos na Índia e publicou mais de 213.000 volumes sobre a Palavra de Deus em 40 línguas diversas. É fundamental sua Gramática Sânscrita, baseada na de Pânini. Foi professor de sânscrito, bengalês e marata no Colégio Fort William em Calcutá.

10 — o Abade G. Gorresio (séc. 19), discípulo de Burnouf, ocupou a cátedra de sânscrito de Turim e traduziu várias obras, como a *Uttaracanda* e, especialmente, o *Ramayana*, primeira tradução na Europa.

11 — Pe. Dalgado (séc. 19-20), autor de várias traduções e do excelente *Glossário Luso-Asiático*.

(12 — Rev. Caldwell (séc. 19) — Especializou-se em tâmil, para o qual verteu a Bíblia, e dedicou-se às línguas dravídicas em geral.

Entre os missionários que se dedicaram a áreas outras que a Índia, temos inúmeros. Vários foram os que estudaram o japonês, chinês, tibetano, anamita, siâmes, línguas tai, malês, etc. Vamos apenas lembrar: Griffith John (séc. 19), de grande nomeada, que traduziu a Bíblia para o *wen-li* “(língua) fácil”, e para o mandarim:

o Pe. W. Schmidt (séc. 19-20), professor da Universidade de Viena, pesquisou as línguas primitivas do Pacífico e Sul da Ásia, especialmente da Austrália, fundando uma revista — *Anthropos* — e um Instituto de Antropologia.

No campo do basco, herdado por tradição oral, temos uma tradução do Novo Testamento por um pastor evangélico, João Lizarraga, em 1571; mas principalmente ao pe. Larramendi (séc. 18) é que se deve, além de outras obras, a primeira gramática basca.

No tocante às línguas da África, especialmente do banto, muitos foram os missionários, católicos e protestantes, que se aprofundaram e produziram bom material.

Um nome requer particular atenção: a do abade L. Hervas y Panduro (séc. 18-19, conhecido na história da glotologia por seu “Catálogo de las naciones conocidas y numeracion, division y clases de estas, segun la diversidad de sus idiomas y dialectos”, obra em 6 volumes. Desterrado da Espanha com a Companhia de Jesus, foi para a Itália, onde travou contacto com missionários de todo o globo que lhe forneceram informes lingüísticos. Sustentou que todas as línguas do mundo provêm de uma só matriz (monogenismo). Classificou as línguas da América e provou que o hebraico formava um só grupo com o caldeu, siríaco e árabe. Também se applicou ao basco, provando que não tinha origem celta. Descobriu ainda afinidades entre as línguas da Hungria, Lapônia e Finlândia, e também a unidade entre as malaio-polinésias, assim como afinidade entre sânscrito e grego.

Quanto às línguas da América, inúmeros foram os sacerdotes que lhes dispensaram atenção, como, para as do Brasil, o pe. José de Anchieta, o Pe. Antonio Colbacchini (catequizou xavantes e viveu entre os bororos), Pe. Angelo Venturelli e Cesar Albisetti, applicados à língua dos bororos, etc. Ainda menciona alguns missionários da Terra do Fogo.

Com essa descrição do trabalho evangélico, conclui o Autor que os missionários “quase escreveram a história da Glotologia por meio do Cristianismo”

Quanto aos trabalhos realizados por nosso Autor no campo do indianismo, queremos divulgar os principais através de resumos:

a) “A língua e a literatura sânscrita” — S. Paulo, 1938.

Já há quase quarenta anos o Rev. Bertolaso escreveu esse interessante livrinho para lançar a semente do estudo da língua sânscrita. Trata inicialmente do sânscrito, seus dialetos, sua descoberta pelos europeus e importância no contexto lingüístico. Depois refere-se à leitura, dando ênfase ao Rigveda, Ramayana, Mahabharata, sentenças e provérbios da Índia antiga e comentários sobre o gramático Pânini.

b) “Provérbios da Índia” — São Paulo, 1956.

São pequenas jóias que reproduzem a profunda sabedoria do povo indiano e se transmitiram através dos séculos. Todos os povos cultos possuem belas coleções de aforismos, revelando sua filosofia; os da Índia, porém, são especialmente preciosos, porquanto o próprio sânscrito é uma língua que se presta bem, por sua estrutura, a criar máximas. Devido à sua riqueza flexional, léxica, possibilidade de formar longos compostos, dando um sentido mais preciso que o permitido por nossas línguas analíticas, o sânscrito possui uma literatura eivada de provérbios; dos Vedas às epopéias e aos fabulários, eles surgem cada vez mais correntemente, de sorte que, no séc. 3.^o AC, um ministro do rei Chandragupta organiza uma antologia. Penetrado de aforismos é o Código de Manu e obras budistas importantes, assim como as sentenças de Bhartrihari ou a Antologia Erótica de Amaru; igualmente, muitas crestomatias gnômicas que perduraram no anonimato e, em geral, aparecem com a designação de *âvalî*, isto é, “fileira, colar” ou “coleção”

Já foram recolhidos 19.000 provérbios indianos, e, ainda na época moderna, brotou a poesia de sentenças de Rabindranath Tagore.

Traduzidos do original pelo Autor, são mencionados mais de cem provérbios, escolhidos com rara felicidade.

c) “O Rig-Veda” São Paulo, 1958.

Na Introdução refere-se o Autor à comunidade indo-irânica, ou ária, e sua divisão: uns foram para o sul da Pérsia e outros para o Panjab, na Índia, onde lutaram com os aborígenes, do que há vestígios (luta entre brancos e negros) no Rig-Veda. No Panjab desenvolve-se o antigo indiano, língua diferente da dos Vedas, que já acusam um refinamento. Com os tempos, fixaram-se mais ao sul e oriente, na chamada Madhyadeça, e o centro da civilização tornou-se a região do Doab gangético.

O livro comporta 13 capítulos: o primeiro trata da literatura védica (*samhitas* e *brahmanas*, *aranyakas*, *upanichades* — as três últimas classes de textos ligadas às primeiras, as “coleções” de hinos), dos *Vedangas*, tratados que unem a literatura dos Vedas à clássica, e dos *Sutras*, coleções de aforismos; depois vêm comentários esparsos quanto aos Vedas. A seguir, temos dez capítulos específicos sobre o Rig-Veda.

Obra das mais antigas da humanidade, compõe-se de 1.028 hinos, e foi transmitida por memória através das gerações, fruto da revelação (*çruti*) divina. Sua época é incerta, mas, segundo Max Müller, deve ser pre-budista, logo, anterior ao séc. 7.º AC; talvez as *samhitas* se localizassem entre os séc. 9.º (12) ou 9.º (10); os *Brahmanas*, como os *Aranyakas* e *Upanichades* estariam situados entre o séc. 9.º (10) e o séc. 7.º AC. Mas, considerando que as *samhitas* precederiam a época dos hinos pode-se chegar aos limites extremos do séc. 15 (16) e séc. 7.º AC.

Já os franceses como Bergaigne, situam os Vedas em época bem mais recente: pertenceriam a uma época posterior a 1.000 AC mas foram escritos seis ou sete séculos depois. Outros recuam muito, porém é de admitir-se como época do florescimento do Rig-Veda os séc. 15-14.

Foi transmitido por via oral, como indicado em várias passagens (havia sistemas próprios para desenvolver a memória do aluno), e chegou sem alteração ao séc. 7.º AC, quando se introduziu a escrita na Índia.

Sobre sua composição, nada se sabe, mas encerra várias gerações. Os hinos são recolhidos em 10 *mandalas* (ciclos), cada um dividido em *suktas* (hinos), compreendendo 40.000 versos, e várias subdivisões dos hinos. O intuito do hino é acompanhar o sacrifício feito pelo sacerdote.

Quanto à importância do Rig-Veda na Índia, apesar de toda a reverência que impõe, não é uma obra, dizem, que exprima essencialmente a cultura indiana (macacos, tigres e elefante quase não aparecem; a árvore *nygradha*, orgulho dos habitantes, também está ausente, como assim o arroz (*vrihi*) que é o alimento básico do país; o Ganges é citado só uma vez indiretamente; as idéias fundamentais de religião — *karman*, *samsara*, *ahinsa* — também não constam do Rig-Veda. Por isso, tende-se a considerá-lo antes representante da civilização ariana do que da própria Índia. No entanto, a língua é puramente indiana e dela emanaram o sânscrito e os prácritos. Essas ausências mencionadas apenas mostram que as tribos árias ainda estavam localizadas no Norte do país, onde não havia aqueles animais, etc. No Rig-Veda, Mahabharata e Ramayana estão as três etapas da expansão ária na Índia.

A métrica é diferente da clássica; nesta são geralmente os versos constituídos de quatro pés, enquanto no Rig-Veda há mais linhas e os *pâdas* têm um número fixo de sílabas (4, 5, 8, 11, 12) Os versos

mais comuns denominam-se *gâyatrî*, *anustubh* (donde o clássico *çloka*), *tristubh* e *jagatî*. Há também versos mistos.

Quanto à língua do Rig-Veda, é simples, de sintaxe popular. Notam-se variedades dialetais, mas a língua em si é unitária. A sua declinação é a mais próxima da que seria a indo-européia. É só após o período do Rig-Veda que se iniciam as reduções, fusões, perdas (como do subjuntivo, etc) Note-se a diferença já para a língua do Atharva-veda. Contudo, a do Rig-Veda não é totalmente popular, devido às figuras retóricas, assonâncias, trocadilhos, variedades de metros, etc, revelando seu uso já de bastante tempo.

Classificam-se os hinos do Rig-Veda pelo conteúdo em quatro grupos: os que exaltam a natureza simplesmente; os que cantam a divindade como fenômeno natural (ora expressa o próprio fenômeno, ora o deus, como os Açvins); os que mostram um Deus mais humano, podendo confundir-se com um herói; e os que, fazendo abstração do deus, celebram os objetos do culto.

A origem do Rig-Veda estaria na necessidade de comporem-se novos hinos para o sacrifício do soma, encomendados aos sacerdotes-poetas pelos grandes senhores. A sua religião é a das classes elevadas, dos sacerdotes e príncipes. Em geral as divindades invocadas são fenômenos da natureza personificados (sol, Indra, Marutas, etc.) Alguns, tendo aspecto humano, apresentam-se conforme a sua sede: céu, atmosfera e terra. Citam-se então as principais divindades com suas características: Dyaus (Prthivi), Mitra e Varuna (dia e noite), Ushas (aurora), os Açvins (irmãos da aurora), Sûrya (sol) etc. Entre os deuses atmosféricos, cumpre ressaltar Indra; depois Rudra, os Maruts, Parjanya, Prthivê, Agni, Soma.

Já de outro tipo são uns 20 hinos apresentados como diálogo, que podem ser considerados como origem da poesia épica e dramática. São cantos de guerra, de núpcias, de augúrios, de morte, alguns filosóficos e cosmológicos.

Não há traços de poesia popular no Rig-Veda, exceto pouquíssimas vezes em relação aos enigmas, mas aqui eles não têm caráter de divertimento e sim hierático.

d) “A gramática de Pânini, na Rev “Letras” da Univ do Paraná, n.º II, Curitiba, 1961.

Numa introdução longa, sacrificando o tema do artigo (o que é lástima), o Autor começa por referir-se à multiplicidade de línguas (179) e dialetos (544) da Índia, oriundos da diversidade de povos que

a habitavam desde os primeiros tempos (seis raças ali se caldearam) — o mais antigo dos quais seria o “negrito” da África — e mostra como o indo-europeu (ário), sediado ao norte da Pérsia, se cindiu em dois grupos, um naquele país e outro na Índia.

Passa a apresentar estágios diversos da língua, marcando a diferenciação entre a do Rig-Veda e do Atharvaveda, assim como a dos Brahmana e, em especial, do sânscrito (18) clássico, fixado por Pânini. Essa língua sempre ocupou lugar importante na cultura indiana. Viva, foi sempre falada em contraposição aos prácritos. Ora, como estes ameaçavam invadir a língua, foi preciso estabelecer regras, o que fez Pânini. Nota-se bem que suas regras se destinam à língua viva, falada, pois há termos de cozinha, cavalaria, etc.

Esse famoso gramático foi discípulo de Varasha e viveu em Pataliputra, no 4.º séc. AC. Alguns consideram sua língua como do noroeste, outros de leste. É claro que teve muitos predecessores, pois não pode haver obra tão perfeita sem antecedentes. A Gramática apresenta-se em 8 capítulos e conta 3.996 sutras ou aforismos concisos, explicados por comentário. A descrição da língua é a mais perfeita possível, desde a fonética, morfologia, lista de raízes (19) e temas, etc. Apesar de já contar 2.300 anos, não é obsoleta.

e) “O Râmâyana” — Separata da Revista ALFA, n.º 10, da Fac. Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1966.

Aqui apresenta o Autor um histórico e resumo da célebre epopéia denominada Ramayana (20), composta de 7 livros (kanda) e 24.000 çlokas ou estrofes distribuídas em 7 capítulos (sarga), do qual há três conhecidas revisões, a setentrional ou Vulgata, a bengálica e a ocidental.

Alguns levantam dúvidas quanto à autoria que parece poder-se atribuir a Valmiki (21), embora definitivamente não toda a obra, mas apenas os livros de n.º 2 a 6 (22) e mesmo estes encerram algumas ampliações de bardos. No tocante à data de composição, talvez já

(18). — O termo *samskrta* “refinado” aparece pela primeira vez no Ramayana como “terminado, perfeito” e faz alusão aos *samskâra*, ou seja, processos de “perfeição” gramatical.

(19). — Já antes as raízes haviam sido reunidas, mas Pânini melhorou sua disposição.

(20). — Literalmente significa “viagem” (*ayana*) de Rama.

(21). — Era um brâmane e habitante da selva (*vanaprastha*), que teve o mérito de fazer ressurgir o sânscrito e glorificar um herói nacional.

(22). — Os livros n.ºs 1 e 7 são obviamente acréscimos.

tivesse a forma atual no séc. 2.^o de nossa era, antes da redação definitiva do Mahabharata, mas o núcleo fundamental do Ramayana deve ser posterior.

Sumariando, trata-se das desventuras do herói Rama, personificação do deus Indra, e sua esposa Sita, que encarnaria as divindades da terra. Os fatos passam-se em Ayodhya (atual Oudh) e Lanka (atual Ceilão). Em Ayodhya reinava Daçaratha, que tinha quatro filhos, Rama, Bharata, Laksmana e Satrugna. Os dois últimos eram filhos de uma esposa e os primeiros, de duas outras. Râma, o primogênito, era muito querido e obteve a princesa Sîtâ por esposa, num torneio de arco. Seu pai lhe destinava o trono, porém uma intriga da segunda esposa, mãe de Bharata, fez com que este ascendesse a ele, malgrado o próprio Bharata não quisesse participar da traição, mormente devido ao pesar que determinou a morte de Daçaratha. Rama, porém, preferiu cumprir a palavra dada pelo seu pai à segunda mulher, e foi, pelo prazo de 14 anos, para a floresta com a esposa Sita e o irmão Laksmana. Aí vencem os dois príncipes muitos demônios, etc; entretanto, depois de dez anos, os três desterrados chegam ao sul. Uma irmã do rei de Lanka apaixona-se por Rama e Laksmana corta-lhe nariz e orelhas. Em represália, o soberano da ilha, Râvana, rouba Sîtâ. Entram pássaros e macacos em cena para auxiliar Râma; os últimos constroem uma ponte sobre o mar até Lanka, onde se fere uma batalha em que Râvana é morto por Râma que recupera a esposa. Findos os 14 anos de degredo, Rama volta ao reino e o recebe de seu irmão Bharata (término do livro antigo)

No livro 7.^o (acréscimo) diz-se que houve murmúrios sobre a castidade de Sîtâ na corte de Râvana, pelo que foi desterrada. Deu à luz dois gêmeos no bosque e estes aprenderam a epopéia do próprio Valmiki. Provada sua inocência, ela retorna ao seio da terra, enquanto Rama ascende aos céus, na forma de Visnu (23)

Constitui-se Rama no mais autêntico herói, profundamente religioso e paciente com os percalços do destino, e foi venerado como encarnação de Visnu, de sorte que o poema, de enorme valor artístico, tem caráter sagrado e é hoje de invulgar disseminação.

f) “O Mahâbhârata” — Separata da Revista “Letras” n.^o 16, Curitiba, 1968 (24)

(23). — Aqui, bem como em todas as formas transcritas, acompanhamos a grafia do Autor.

(24). — Em 1966, saíra um artigo sobre o mesmo tema na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. LXII, 1966.

Novamente, como fizera com Râmâyana, o Autor se propõe divulgar o essencial a respeito do Mahâbhârata (35) Epopéias em 18 livros (26), possui um apêndice, considerado o 19.º, que se intitula *Harivamça*. Encerra ela aproximadamente 110.000 estrofes, sendo o mais longo poema já composto. Em 20.000 estrofes está o seu núcleo, a luta que se travou em Kuruksetra entre os primos Kuruidas e Pânduidas, descendentes de Bharata (filho do rei Dusyanta e Çakuntalâ); porém, com os séculos, foi-se juntando mais material, formando uma enciclopédia do pensamento indiano. Há duas redações dela, a setentrional (C) e a meridional (B), esta mais curta (naquela se inclui o apêndice Harivamça)

Quanto à sua autoria, é óbvio que ninguém poderia compor 200.000 versos, mas a lenda atribui o poema a Vyasa. Entretanto, muitos bardos anônimos colaboraram para a sua produção, que se deu em vários períodos. Dizem também que o primeiro redator foi um budista (séc. 3.º AC), mas, quando o bramanismo triunfou, houve uma reelaboração do poema, com muitos acréscimos, a qual teria sido feita por Vyasa.

A data da composição oscila entre o séc. 5.º AC, segundo alguns, até o 4.º da nossa era. Pisani situa a mesma entre o séc. 2.º e 4.º

No Mahâbhârata aparecem famosas lendas e contos, e, em especial, a Bíblia do hinduísmo, a Bhagavad-Gîtâ.

A idéia fundamental da epopéia é a representação da luta entre a justiça (dharma), personificada por Yudhisthira, e a iniquidade (adharma), representada por Duryodhana. No entanto, abrange todo o conhecimento da antiguidade, é o guia filosófico, jurídico e espiritual do povo, “o livro dos livros”, tanto que nele está escrito: “Este é um livro de moral (*dharma*); é o melhor manual de vida prática (*artha*) e também como livro de salvação (*moksa*), foi composto pelo infinitamente sábio Vyasa”

g) “O hino cosmogônico do Rig-Veda” — Sep. da Revista “Letras” n.º 17, Curitiba, 1969.

Refere-se a um hino, dos mais importantes do Rig-Veda, composto entre 1.200 e 1.000 AC, que aparece no livro ou mandala X, 129. É atribuído a Prajapati Parameshthin, e denomina-se *Nâsadâ-*

(25). — Significa propriamente “a grande narração (das guerras) dos Bharatas”

(26). — O número 18 é sagrado entre os hindus. Aqui, por exemplo, 18 são os dias da grande batalha, 18 os exércitos combatentes, 18 os contos do Bhagavadgita.

siyasukta, porquanto as primeiras palavras começam assim: *nâsad âsin no sadâsit* “não era o ser, não era o ser”

É um *bhavavrttan* ou “hino cosmológico”, pois trata do problema da criação e as relações entre o ser e o não ser, depois retomado no *Çatapatha Brahmana*, nas *Upanichades* e no 1.º livro do *Manavadharmaçastra*.

Compõem-se de 7 estrofes e o metro usado é o *tristubh*. Basicamente, divide-se em duas partes, uma positiva e uma cética. Na primeira, o poeta afirma que no princípio não havia o ser e nem o não-ser, mas apenas o Uno (EKAM), ou seja, o primeiro ente, no seu estado absoluto, espiritual (somente *manas*), nada havia de material. Depois começa a criação e aquele *manas* desenvolve o *kâma*, ou desejo; ele é que determina a passagem do mundo imaterial ao mundo material. Na segunda parte, o autor interroga-se como se deu a criação dos elementos, ignota aos deuses e aos homens pois eles surgiram após a criação. Segue tradução e comentário do hino

Conclui o Autor que a especulação filosófica atingiu nesse poema o ponto culminante, pouco tendo os filósofos a acrescentar-lhe.

h) “*Introdução às Upanichades*” — Imprensa Metodista, S. Paulo, 1969.

Este é um interessante livro, em que é estudada a filosofia das Upanichades (21) Elas constituem antologias de épocas diversas e não pertencem a um só autor ou escola, pelo que não representam um sistema. No capítulo sobre a relação entre elas e os Vedas, Brahmanas e Aranyakas, há um estudo sucinto dessas obras. As coleções (Rig, Sama, Yajur, Atharvaveda) constituem o estrato mais antigo; o segundo estrato da literatura védica é formado pelos Brahmanas, que se relacionam com os Vedas, explicando a técnica do ritual; aos Brahmanas prendem-se textos mais recentes, os Aranyakas, e a estes, enfim, as Upanichades. É verdade que essa divisão não é perfeita, pois as Upanichades mais antigas fazem parte dos Aranyakas (28), pertencendo ao Vedanta (fim dos Vedas)

As Upanichades tinham um caráter meio secreto, pois eram transmitidas de pai a filho, não a estranhos. Elas não se caracterizam nem pela forma (tanto surgem em prosa como em verso), nem pelo assunto,

(27). — De *upanisad* “sentar-se aos pés do mestre” (*SAD* “sentar” + *upa* “perto” + *ni* “abaixo”)

(28). — Serviam de texto para meditação aos *vânaprastha*, isto é, os que, após terem sido discípulos e pais de família, internavam-se na floresta.

que é muito variado, nem pela data, pois se distanciam muito nos séculos as primeiras das últimas; e nem pela seita religiosa ou escola filosófica. Entretanto, como pertencem à literatura védica, “revelada”, diferenciam-se de outros ensaios; mas também se separam do ciclo védico, porque não se destinam aos sacerdotes oficiantes mas aos ascetas, e não visam a interpretar as coleções das antigas poesias pelo uso ritual, mas procuram o sagrado, ou seja, a doutrina sobre a alma. Não são obra de ler em seqüência, justamente por não constituírem um sistema. Geralmente recebem o nome da escola védica a que se filiam (*Katha-upanishad*, porque pertence à escola dos *Kathas*) Quanto ao seu número, não é assunto pacífico; para o Atharvaveda, Colebrooke cita 54, mas Weber dá 93 para todos os Vedas, chegando, mais tarde, a 235. E até o presente se escrevem, como a Ramakrishna Upanishade. As mais antigas são do séc. 6.^o ou 5.^o AC mas a época delas é também discutida. As mais importantes em prosa seriam a Brhad-Aranyaka (do Yajur-Veda), a Chandogya Upanichade (do Sama Veda), a Aitareya e a Kausitaki (do Rig Veda) e a Taittirîya (do Yajur Veda Negro) É possível que também a Kena Upanichade (29) (do Sama Veda), em verso e prosa, seja do período antigo. Já posteriores a Buda e a Pânini seriam a Mahânâryana (Yajur-Veda negro) e, mais recentes, em prosa, a Praçna (Atharva-Veda), Maitrâyaneya (Yajur-Veda negro), Mândûkyâ (Atharva-Veda) As mais modernas refletem o pensamento das seitas religiosas. Enfim, temos, de inspiração muçulmana, a Alá-Upanichade.

Já a Bhagavad-Gîtâ, apesar de seu caráter filosófico, não é uma upanichade por fazer parte do Mahâbhârata, que é obra humana. Justamente por constituírem o ciclo intermediário entre a revelação (*çruti*) e a tradição (*smrti*) é que as Upanichades têm grande importância.

Quanto a traduções, em 1656 um príncipe persa convidou pânditas de Benares a traduzir para a sua língua 50 upanichades; mas o primeiro europeu a fazer tradução delas foi William Jones; e alguns outros se seguiram, como Colebrooke, Grassmann, Weber, Böhlingk, Max Müller, etc.

O ambiente em que elas se desenvolveram não seria apenas de brâmanes mas também de ksatriyas e ainda se admite alguma possível influência das populações indígenas.

(28). — Ao designar o nome em sânscrito ou outra língua, o Autor ora usa a forma *upanisada*, ora *upanisad*, para indicar a cacuminal. Para auxiliar os leigos que apreciem estes assuntos, resolvemos optar pela regularização.

A filosofia das Upanichades reproduz a do texto védico que explicam. Fundamentalmente temos o conceito do *âtman*, que é antigo, já formulado no Atharva-Vedi, e o outro termo importantíssimo é *brahman*, que nem sempre aparece nas Upanichades. A doutrina básica nelas expressa é a de que “O universo é o Brahman, porém o Brahman é o âtman” Mas o sentido desses termos evoluiu desde a literatura védica antiga. Vemos que nas Upanichades o *Brahman* identifica-se com o *âtman*, e, ainda, o *karman* torna-se lei de causa e efeito. Todo indivíduo tem em si o Absoluto, porque o seu *âtman* é *brahman*. Fundamental é o princípio do TODO: “O Brahman é TODO este (universo)” A Chandogya Upanichade é examinada quanto à teoria da criação, do *brahman* e do *âtman* (individual e universal), com seus três estados (vigília, sonho e sono profundo) Enquanto o *brahman* é a essência de tudo, o *âtman* define-se como *neti neti* “não, não”, pois é indefinível, mas tem relação com fenômenos do mundo físico. Quanto ao *prâna*, é a fonte de vitalidade. Mas a causa primária de onde emana o universo não é *brahman*, porém SAT “o que é”, “ser”, é o princípio básico, oposto ao “não ser”

Depois o Autor trata das crenças dos hindus quanto à imortalidade da alma (da alma, do corpo, metempsicose e libertação final), do *karma*, segundo o qual, crêem os budistas, se dá a transmigração. Ainda na Chandogya aparece a teoria das retribuições, das “vias” para os mortos.

Enfim, aborda o caráter místico das Upanichades, pois na união extática cessam todas as diferenças do ser. Volta-se à teoria da identidade do *âtman* com o *brahman*, sendo famosa a frase “*Aham brahâ smi*” (Eu sou Brama), ou simplesmente *brahmâsmi*, que se tornou a magna oração para os brâmanes. Termina o Autor relacionando a mística upanichádica com a luz do Evangelho.

i) “Os Purâna” — Separata da Revista “Letras”, n.º 18, Curitiba, 1970.

Coleção de velhas narrativas (purana = antigo) que pertencem ao gênero épico (no metro çloka) e são tidas como altamente remotas, mas podem situar-se no séc. 6.º AC; são vazadas em sânscrito clássico e teriam sido transmitidas ao bardo Lomaharsana por Vyâsa, encarnação de Visnu. Dos 18 grandes Purana têm nome de *avatara* desse deus: Varâha “javali”, Kurma “tartaruga”, etc. Cada um deles é então nomeado.

Alguns são muitos longos, como o de n.º 2, o Padma-Purana, que chega a 55.000 estrofes, ou o de n.º 8, Âgneya-purana, com 75.000,

ou ainda o de n.º 13, com 81.000, mas em geral não excedem os 20.000. O total de estrofes admitido para os Purana é de 399.000 (tradicionalmente, 400.000) O mais famoso deles é o Bhagavata-Purana, dos adeptos do culto de Visnu.

O assunto deles é variado: criação do mundo, exaltação dos deuses, cerimônias domésticas, astrologia, política, direito, gramática, medicina, lendas célebres (como a de Rama, Çakuntala, etc), teorias filosóficas, etc.

j) *História do Indianismo* — Imprensa Metodista, S. Paulo, 1972.

Como diz o nome, é uma apresentação de indianistas famosos, quer apenas dos precursores, aqueles que travaram o primeiro contacto com assuntos da Índia, quer dos que se dedicaram especialmente às suas línguas e literaturas, em particular a sânscrita. Entre os pioneiros, além do famoso Filippo Sassetti, que no séc. 16 notou a semelhança entre o sânscrito, grego e latim, figuravam inúmeros missionários citados já no artigo “O Cristianismo e a Glotologia”

A seguir, divide o Autor os estudiosos do sânscrito conforme a nacionalidade: parte do indianismo inglês, pois foi a Sociedade Asiática de Calcutá que desenvolveu o estudo do sânscrito, examinando o trabalho de W Jones, Colebrooke, Wilkins, Wilson, Muir, Aufrecht, Carey, Hamilton, Max Müller e Bühler. Prossegue com o indianismo alemão, iniciado com os irmãos Schlegel, Bopp, Lassen, Pott, Rosen, Benfey, Böhtlingk, Roth, Grassmann, Weber, Hang, Oldenberg, Deusen, Westergaand e Garbe. No indianismo francês, avultam os nomes de Chézy, o insigne Burnouf, Langlois, Saint-Hilaire, Regnier, Pavie, Fauché, Foucaux, Lancereau, Baudry, Barth, Bergaigne, etc.

Depois de mencionar as sociedades inglesas empenhadas nos estudos indianos, trata o Autor do indianismo na Itália, citando Garresio, Flechia, Brancialino, Miaggi, Avio, Ascoli, Lignana, Teza e Kerbaker, De Gubernatis, Fumi, Pizzi, Pullé, Cimmino, Pavolini, La Terza, Belloni-Felippi, Nazari, Formichi, Ballini, Suali, Pizzagalli, Vallauri, Pappacena, Pisani, Papesso, Tucci, Nyanatiloka, Botto, Brofferio, Norsa, Giulia Porru, e muitos outros tradutores de obras indianistas.

Nos outros países, os estudos indianos tiveram área restrita, podendo-se mencionar alguns trabalhos na Grécia, Espanha, Holanda, etc. mas especialmente na Bélgica com Nève, Portugal com Dalgado e Vasconcellos de Abreu. No Brasil surgiram algumas traduções do Bhagavad-Gita (de Lorenz e de Rohden), do Mahabharata (Noronha e Faro) e os trabalhos do Autor. Cumpre-nos aqui ressaltar que estes

últimos são os que realmente iniciaram os estudos indianistas em nossa pátria, visto que o Rev Bertolaso Stella é douto conhecedor do sânscrito e não se limitou a traduzir de outras fontes. Apenas lamentamos, finalizando, que esta obra não tenha sido convenientemente revista, pois encerra muitos erros em nomes de autores e livros.

1) “A Bhagavad-Gîtâ e o Novo Testamento”, Imprensa Metodista, S.P., 1972.

É uma comparação entre o chamado Evangelho do Krisnaísmo e o de Cristo, apresentado em breves capítulos, nos quais são analisados primeiramente essas duas obras e, depois, conceitos importantes do ponto de vista religioso, em ambas.

Começa referindo-se à Bhagavad-Gîtâ (cap. 23 a 41 do Bhismapavan, uma das seções do Mahabharata), que, já vimos, contém 18 capítulos e 701 estrofes. É o livro mais lido na Índia e foi composto entre o séc. 3.^o AC e 3.^o DC, por autor desconhecido. Do ponto de vista cronológico, pode ter havido aqui influência do cristianismo ou vice-versa, também, pois há muito paralelismo entre passagens da Bhagavad-Gita e da Bíblia. Importante é ressaltar que o primeiro é um livro tolerante com as outras religiões, pregando que se deve respeitar a dos outros como a própria.

Examina o Autor o uso do vocábulo *âtman*. Como já vimos nas Upanichades, ele é sinônimo de *brahman*, o absoluto — a alma universal é a alma individual, o macrocosmo é o mesmo que o microcosmo. Na Gita, há um progresso religioso, notando-se uma distinção entre Deus e a alma. O termo *âtman* “ele mesmo” emprega-se ali de vários modos; no começo é a alma imortal, cujo conhecimento, pela prática da yoga, conduz à unidade através de Brahma.

No poema, Krisna (30) é o auriga de Arjuna, famoso guerreiro, que lhe faz perguntas de caráter devocional. Entre ele e Cristo, há algumas semelhanças: ambos nasceram em estrebarias, no meio de pastores, tiveram mães que permaneceram virgens, ambos fugiram do massacre de tiranos, foram anunciados por profetas, pregaram a moral e fizeram grandes milagres e, enfim, ambos morreram vítimas da incompreensão humana e ascenderam aos céus.

Quanto ao corpo, tem enorme importância nos dois livros: é a cidade de Brahma num, o santuário de Deus, no outro. Não podemos substituí-lo por outro, pois nos acompanha até a morte, quando rece-

(30). — Talvez antiga divindade não ariana, aparece como avatara do védico Visnu, que tem vários outros nomes.

beremos o espiritual. Há três partes no homem: alma, corpo e espírito.

Segundo a Bhagavad-Gita, o fim do homem é a devoção a Deus (válido para todos os homens e quaisquer castas); na Bíblia, o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus.

No Novo Testamento, alma e espírito podem equivaler-se. Sobre sua imortalidade não há dúvida nas duas obras.

Quanto ao *nirvâna* (31), seria o oposto da vida, ou felicidade total; na Bhagavad-Gita, e o mesmo que Deus. O nirvana é atingido pelos ascetas quando se livram do desejo e da cólera. Também no Novo Testamento, tem-se a doutrina da vida feliz após a morte.

Como as Upanichades estão eivadas de espírito místico, também na Bhagavad-Gita se manifesta o misticismo de origem divina. Arjuna pede a Deus como filho; também Cristo nos ensinou a invocar o “Pai Nosso” Como, na Gita, o devoto afinal entra em Deus, no Novo Testamento se lê: “eu estou nele, e tu estás em mim.”

O amor ao próximo é outro ponto comum. Se já nas Upanichades há interesse pelos demais, em função da alma universal, na Bhagavad-Gita surge a idéia de amar a TODOS, amigos ou inimigos, como pregou Jesus. E a doutrina da ahimsa (32) alcança na Gita o caráter da plena virtude: “não violência, verdade, ausência de cólera, renúncia, paz” Basta pensar nas últimas palavras de Cristo: “Pai, perdoai-lhes. ” Quanto ao yoga (de *yug* “unir”), usado para meditação, é de grande importância na Gita; se não há um yoga cristão, pense-se nas palavras de Cristo: “Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas”

Termina o Autor citando dois paralelos quanto à Jerusalém celeste nas duas obras.

m) “O Atharvaveda” — Separata da Revista de História, n.º 96, S. Paulo, 1973.

Inicia o Autor mostrando a importância deste Veda tanto pelo folclore (encerra encantamentos e exorcismos) como pela filosofia dos

(31). — De *nir*, partícula negativa, e *va* = “vento, sopro”, donde: “não movimento, cessação de sopro”; ou então de *ni-vana* “cessação de desejos”.

(32). — Do desiderativo de HAN, significaria propriamente “não desejar causar dano”, o que mostra estar no desejo a causa do pecado.

hinos. Divide o artigo em 11 itens: situa o Atharvaveda entre os *samhitâs* e relaciona seu nome com o de uma classe de sacerdotes que usavam fórmulas. É verdade que a “tríplice ciência” era constituída pelos três outros Vedas (Rig, Sama, em verso, e Yajur, em prosa), que exigiam três classes de sacerdotes para o sacrifício. O Atharva foi incluído posteriormente, com grande dificuldade para ser aceito pelos sacerdotes. Entretanto, há semelhanças e disparidades entre ele e o Rig-Veda, que também oferece elementos de magia em alguns hinos.

Seriam nove as escolas atharvavédicas, pela tradição, mas hoje se fala apenas em duas: Çaunakîya e Paippalâda. A recensão da primeira teve melhor conservação — e é denominada Vulgata; divide-se em 20 livros, num total de 6.000 versos e uma parte em prosa. Muitos hinos são tirados do Rig-Veda, porém a língua é mais evoluída, mostrando uma redação posterior (possivelmente seja do séc. 8.º AC); entretanto, a matéria (exorcismo, magia) é de grande antiguidade.

Os hinos relacionam-se com toda a vida do homem, desde a sua concepção e nascimento, doenças, amor, atividades (agricultura, comércio, etc), sorte no jogo, harmonia na vida familiar e comunitária, etc.

A ação dos demônios é altamente maligna; mas a excelência das substâncias médicas — especialmente água e plantas — é exaltada. Seguem-se exemplos de hinos, alguns com correspondências bíblicas. Ressalta-se a importância do corpo humano, sede da alma, e da faculdade da cura, exposta em alguns hinos, o que torna o Atharvaveda “o documento mais precioso da medicina primitiva.”

n) “As leis de Manu” — Separata da Revista de História, n.º 103, São Paulo, 1975.

Inicia-se o artigo com uma explanação sobre o termo “*dharma*” que se usa para indicar “decreto, estatutos” (*adharma* “injusto”) Desde o período védico até o séc. 18 há toda uma literatura concernente ao “*dahrma*”: na fase mais antiga, temos os *dharmasûtras* “regras relativas à lei”, sentenças curtas, que versam assuntos vários mas dentro de certo limite, escritos em prosa e no estilo aforístico. É comum levar o nome do seu autor. O mais antigo é o *Gautameya-dhar maçâstra* (sutra, apesar do nome); e são bem conservados dois sutras do sul, o *Âpastambêyadharmasûtra* “regras relativas à lei, compostas por Apastamba”, e o *Baudhâyanadharmasûtra*, atribuído a Baudhâyana, embora este segundo tenha sofrido algumas modificações. Outros chegaram em mau estado até nós.

Já os Dharmaçâstra indicam um estado mais avançado da literatura jurídica e apresentam textos versificados, pertencendo à nossa era. São códigos, tratados. O mais célebre deles é o *Mânavadharmaçâstra* ou *Manusmrti*, a que se atribuiu origem divina e que deve ser do início da nossa era. O seu nome procede da escola védica de Mânava; um dharmasutra daquela época teria sido remodelado, não se sabe quando, talvez entre o 2.º séc. AC e o 2.ºséc. DC, embora alguns lhe atribuam muita antiguidade devido a elementos arcaicos ali contidos. Não é apenas um código para determinar sanções, porém o verdadeiro *Livro das Leis*, incluindo tudo sobre a conduta civil e religiosa do homem, além das noções filosóficas variadas, cosmogônicas, etc. Consta de 12 livros contendo umas 2.700 estrofes. Termina o Autor apresentando um esquema de cada livro e algumas das leis, como exemplo.

Vários outros trabalhos poderíamos resumir, como homenagem a quem tanto deseja disseminar conhecimentos sobre o cristianismo e a ciência da linguagem, além dos idiomas de sua predileção, mas, para não alongar o presente, selecionamos os temas a que dá ênfase, repetindo-os por vezes (33)

3 — SUA BIBLIOTECA

Quando iniciamos o Curso de Sânscrito, em 1968, a carência de bibliografia era total e de acesso difícil, pois obras fundamentais estavam esgotadas e o aluno dispunha apenas do material que lhe podíamos oferecer, por xerox ou empréstimo (algum raro livro estrangeiro que aparecesse era caríssimo)

Havendo-nos inteirado, por intermédio do insigne Diretor da Faculdade, Dr. Eurípedes Simões de Paula, que uma coleção preciosíssima de livros de sânscrito e das mais diversas línguas, assim como outros de história, arqueologia, comparação das religiões, etc. fora doada ao Departamento de História, como evidentemente os de caráter lingüístico não tivessem uso ali, tratamos de solicitar-lhe nos fossem liberados.

Obtida anuência do seu doador, cindiu-se a biblioteca em duas partes, a fim de beneficiar tanto ao Departamento de História como ao de Lingüística e Línguas Orientais. Só então pudemos avaliar o real tesouro que ali existia; separados os volumes de história, geografia,

(33). — Assim, em lugar da “Bhagavad-Gîtâ, cuja tradução ele faz precedida de explicações sobre o texto, preferimos mencionar “A Bhavad-Gîtâ e o Novo Testamento”, ponto de união dos dois livros sagrados.

arqueologia, filosofia, história das religiões, etc. que permaneceram naquele Departamento, recebemos todos os demais, relativos precipuamente ao sânscrito e sua literatura, mas também à glotologia e línguas dos mais variados ramos, como a assuntos diversos (romances, etc.)

Instalados os livros numa sala dos Cursos de Línguas Orientais, do Departamento de História, vieram a constituir a “Biblioteca Rev Jorge Bertolaso Stella” À medida que os desencaixotávamos, deslumbrava-nos seu conteúdo: jamais poderíamos supor que em São Paulo, ou alhures, houvesse uma biblioteca particular tão rica, seja na área de lingüística geral e aplicada, como, em especial, de língua e literatura sânscrita.

Transferidos temporariamente para os barracões onde foram alojados os cursos de Letras, lá estiveram esses livros numa saleta de Lingüística, e, depois, com a mudança do Departamento para os atuais blocos, foram colocados na Biblioteca Central de Letras, embora com seu caráter autônomo.

Visto que necessitavam de cuidados e controle, não puderam ser de imediato oferecidos ao público; e a falta de pessoas que remuneradamente zelassem por ela, fizessem a catalogação, etc., exigiu trabalho voluntário, em que sobressaiu o espírito abnegado da Profa. Dra. Marília Cruz, do Departamento de Física, amiga pessoal do Reverendo, à qual se deve a organização inicial da Biblioteca, e a professores e alunos do Curso de Sânscrito. Dentre estes, merecem encômios, por sua dedicação, o Prof. Carlos Alberto da Fonseca e o terceiranista Antonio Carlos Baptistuta; o último, por mais de um ano, se encarregou espontaneamente do tombamento dos livros.

Como, desde o início, quiséramos respeitar o desejo do emérito doador de ver unificada a biblioteca, obtivemos o assentimento do Departamento de História em remeter-nos a sua parte, para que os livros tivessem igual tratamento, de sorte que apenas agora foi possível levar a cabo o fichamento, para, enfim, liberar os livros aos interessados, sob a responsabilidade sempre dos professores de Sânscrito.

É verdade que ainda não está definitivamente alojada a “Biblioteca Rev. Jorge Bertolaso Stella”: conforme determinação da Diretoria da Faculdade na época da cisão da mesma em 1970, ela ocupará uma sala própria no futuro prédio de Letras, a qual receberá o nome do doador (34)

(34) — (Veja-se a Revista *Língua e Literatura*, vol. nº 1, p. 239.)

Contém a Biblioteca cerca de 3.000 livros, que vão sendo acrescentados, à medida que o próprio Reverendo nos envia novos volumes adquiridos. Dos três milhares, a maioria é relacionada com o sânscrito. Nota-se o carinho dispensado a essa língua e sua literatura, assim como a outras da Índia, aos seus sistemas filosóficos, etc., por haver conseguido o Rev.^o Bertolaso obras raríssimas, coleções extraordinárias, textos que inúmeros cultores do indianismo desejariam e não têm ao dispor.

Não vamos deter-nos em sua classificação, pois elas incluem desde numerosos e antigos dicionários, gramáticas, manuais e antologias, histórias da literatura, etc., até as riquíssimas coletâneas dos Vedas, Upanichades, Puranas, Mahabharata, Ramayana, Leis de Manu, Sutras, etc., assim como obras famosas inseridas ou não na epopéia (Bhagavad-Gita, contos de Nala e Savitri, etc.) ou as imortais do subime Kalidasa, etc. Não só abrangem livros da língua clássica e védica mas também do prácrito, páli e línguas modernas da Índia. Não são mais a sementeira, porém os frutos de copada árvore na qual gerações de estudiosos de sânscrito encontram ao seu alcance opulento material. Evidentemente por essa razão é que foi confiada ao Curso de Sânscrito a responsabilidade da Biblioteca.

No tocante às línguas isoladas ou em grupos, chega a espantar a bibliografia reunida: encontra-se material sobre o etrusco, basco, hitita, zend, línguas oceânicas, mexicanas e americanas em geral, africanas (mormente o banto), indonésias, dravídicas. Se é grande a bibliografia sobre o etrusco, a do basco é notável e só se conceberia pertencesse a um bascólogo e não a mero aficionado.

É óbvio que os estudos clássicos têm uma situação de relevo: não só os greco-latinos comparados, mas em especial os helênicos. Também são numerosos os estudos dos grupos uralo-altaico, câmito-semítico; dentre o indo-europeu, enfaticamente o ramo indo-irânico, mas também o germânico, românico, etc.

Gramáticas e dicionários das línguas mais diversas são incluídos: do egípcio, babilônio, líbio, sumeriano, geórgio, persa, armênio, magiar, albanês, polonês, russo, turco, árabe, japonês, chinês, hebraico, línguas nativas do Brasil, etc.

Sobre lingüística em geral é vastíssima a relação; além dos dicionários de línguas, como os mencionados, há também vários especializados, como de geografia antiga, de religiões, de gíria brasileira, etc.

Estudos diversos interessaram a mente curiosa do Rev Bertolaso, que reuniu obras de arqueologia, numismática, arquitetura, cos-

mologia, pintura, literatura, etc. É claro que, dentro de sua área específica, abundam os tratados sobre religião, como islamismo, taoísmo, confucionismo, budismo, etc. e, como seria de esperar, de estudos bíblicos.

Essa é a biblioteca por ele doada à Universidade de São Paulo; depositários dessa preciosidade, procuraremos sempre zelar por sua conservação e transmitir aos alunos o carinho que merecem tais livros.

Finalizando, por esta mensagem receba o Rev Jorge Bertolaso Stella a expressão de nossa mais verdadeira gratidão, com a certeza de que está produzindo frutos a sementeira que plantou e tende a vicejar cada vez mais.